



## **ENTRE A CHARGE E OS QUADRINHOS: A TRAJETÓRIA DA CARICATURA NA IMPRENSA PARAIBANA**

Rosildo Raimundo de Brito

Universidade de São Paulo – USP.

### **RESUMO**

Este trabalho apresenta um breve registro sobre o percurso traçado pela caricatura na imprensa paraibana durante a segunda metade do século XX. Trata-se de uma abordagem que busca, dentro da perspectiva histórica, apresentar um panorama acerca do desenvolvimento do humor gráfico no contexto da imprensa paraibana, destacando o trabalho dos principais caricaturistas paraibanos que atuaram nas décadas de 1960 e 1970, os quais se dividiam entre a produção de charges e quadrinhos, os dois gêneros caricaturais mais comuns até os dias de hoje na imprensa. Neste sentido, a abordagem visa colaborar com os estudos sobre os quadrinhos de humor e a aproximação destes com esta outra categoria do humor gráfico que é a charge que tem na sátira, um elemento comum e fio condutor de suas narrativas. O trabalho se fundamenta na técnica de pesquisa de Análise Histórica que, segundo Vergueiro (2017), tem sido constantemente utilizada nos estudos dos quadrinhos, especialmente, para a descrição e análise de épocas pretéritas, discutindo tendências então predominantes e fatos marcantes do desenvolvimento do meio. O artigo tem como objetivo principal, contribuir para um maior alargamento dos trabalhos no campo da História em que a nona arte permanece sendo um objeto de estudo ainda pouco explorado pelos historiadores, como também pretende demonstrar este trabalho.

**PALAVRAS-CHAVE:** Histórias em Quadrinhos; Caricatura; Imprensa paraibana.

### **INTRODUÇÃO**

Fundamentado numa perspectiva histórica, este trabalho se detém em traçar um panorama acerca da contribuição dos chargistas na formação da trajetória histórica dos quadrinhos na imprensa paraibana, com o foco no trabalho dos principais desenhistas-illustradores que atuaram no período da segunda metade do século XX e que contribuíram para a consolidação da produção satírico-humorística no âmbito da imprensa tradicional e a alternativa. Antes disto, porém, embora não seja este o foco principal do artigo, vamos aqui apresentar uma breve abordagem acerca da inserção da charge e das histórias em quadrinhos na imprensa brasileira, destacando os motivos principais que consolidaram a

presença dessas duas modalidades iconográficas do humor gráfico no jornalismo, as quais, é importante frisar, vem sendo alvo de várias análises em diversos campos de estudos, a exemplo da Linguística e da Semiótica com as quais o campo da História passou a estabelecer um diálogo mais profundo, através do surgimento da História Cultural.

### **A FUNÇÃO POLÍTICA DAS CHARGES E DOS QUADRINHOS NA IMPRENSA**

Consideradas por vários autores como duas modalidades pertencentes ao universo da caricatura<sup>1</sup>, a charge e os quadrinhos tornaram-se dois importantes recursos gráfico-narrativos em uso na imprensa brasileira e que guardam semelhanças entre si<sup>2</sup>. Tratam-se de dois dos mais consagrados gêneros gráfico-narrativos que, para muito além de meros recursos de ilustração ou de entretenimento, desempenham um importante papel político-ideológico no seio da atividade jornalística ao longo de sua história. Uma trajetória que tem início com o surgimento dos primeiros jornais na época da imprensa régia, e posteriormente com o surgimento da imprensa satírica, a partir do sucesso estrondoso das revistas ilustradas já a partir da segunda metade do século XIX<sup>3</sup>.

A rica trajetória da caricatura e suas mais diversas modalidades gráfico-humorísticas em uso nos diversos tipos de periódicos ao longo dos dois últimos séculos, revelou a importância do desenho humorístico na imprensa, seja como documento histórico, como fonte de informação social e política, como termômetro de opinião, como fenômeno

---

<sup>1</sup> Para fins de esclarecimentos conceituais, ressaltamos que o termo caricatura é empregado neste trabalho como sinônimo de humor gráfico e está ancorado na definição genérica apresentada por autores diversos, a exemplo de Fonseca (1999), Riani (2002) e Melo (2003), os quais se referem à caricatura enquanto forma ampla de arte ilustrativa que abarca uma diversidade de tipos de desenhos satírico-humorísticos, dos quais fazem parte a charge, o cartum, a caricatura pessoal, o desenho de humor, a história em quadrinhos de humor, entres outros.

<sup>2</sup> Tratam-se aqui de dois gêneros do humor gráfico com características iconográficas e função narrativa carregadas de semelhanças, chegando a confundir muito comumente os leitores. Para saber mais a respeito desta problemática ver Magalhães (2006) e Ramos (2009).

<sup>3</sup> De acordo com Cavalcanti (2005), a primeira manifestação da caricatura impressa no Brasil, ocorreu em 25 de abril de 1831, no jornal pernambucano, O Carcundão. Em 1832, segundo este mesmo autor, também na cidade de Recife, aparecia outra publicação que contém humor gráfico na capa: O Carapuceiro e que trazia igualmente um caráter satírico, cujo redator era o monge beneditino Miguel do Sacramento Lopes Gama. Não obstante, para o pesquisador Hermam Lima, o periódico a apresentar a primeira caricatura foi o Jornal do Commercio, em dezembro de 1837. Trava-se de um desenho feito pelo ilustrador Manoel de Araújo Porto-Alegre, intitulada de A Campanha e o Cujo, apontado por este autor como a primeira charge publicada na imprensa brasileira. Seguido disto, veio o fenômeno editorial das revistas ilustradas detalhado em diversos trabalhos já publicados, dentre os quais os de Lima (1963); Fonseca (1999) e Magno (2012).

**5<sup>as</sup>** JORNADAS INTERNACIONAIS DE  
**HISTÓRIAS EM  
QUADRINHOS**  
**22 a 24 de agosto de 2018**  
Escola de Comunicações e Artes da USP

estético, como expressão artística e literária ou como simples forma de diversão e passatempo (FONSECA, 1999, p. 13). Contudo, foi a partir do século XX que, acompanhando o desenvolvimento das técnicas de impressão, o uso das ilustrações caricaturais foram amplamente difundidas na sociedade, por meio de jornais e revistas. E, nesse contexto histórico, o crescimento da caricatura no mercado editorial avançou significativamente, se consolidando como recursos imagéticos de grande aceitação do público, como destaca Bahia (1980):

[...] No começo do século XX, a caricatura já compõe o formato editorial obrigatório de jornais e revistas. [...] nesse mercado, em que a concorrência é ditada pela qualidade, caricaturistas, chargistas, ilustradores desempenham funções relevantes, que vão dos redatores artísticos aos repórteres gráficos. Assinam espaços valorizados nos diários e nas revistas, preferidos que são por leitores que privilegiam o humor, a opinião política ilustrada, o desenho que facilita a compreensão dos fatos. (BAHIA, 1990, pp. 124-125)

Para além dos avanços tecnológicos dos maquinários de impressão, esse avanço se deu, sobretudo, devido o talento de um seleto grupo de artistas gráficos, de cujas mãos saíram os traços habilidosos que desenharam o futuro do humor gráfico no país. Dentre os nomes mais conhecidos estão os de Ângelo Agostini (1843 -1910), Henrique Fleiuss (1823-1882); J. Carlos (1884 – 1950), Luis Sá (1907-1979) e Carlos Estevão (1921 – 1972). Foi através dos trabalhos destes e, sobretudo, dos dois primeiros deles que, conforme destaca Vergueiro (2017), se tornou evidente a precoce participação do humor gráfico na discussão da realidade política e social brasileira. Estes inspiraram uma série de gerações de desenhistas e ilustradores que, do mesmo modo, desempenharam funções diversas na arte da narrativa gráfica, atuando como caricaturistas e chargistas. Em sua grande maioria, esses artistas concentravam seus esforços em produções chargísticas voltadas para a crítica política ou de costumes e alguns deles tiveram uma produção seriada que poderia ser equiparada àquilo que hoje em dia é genericamente denominado de “historia em quadrinhos” (VERGUEIRO, 2017, p. 17).

Contudo, para além do talento dos artistas gráficos e do avanço das técnicas de impressão, o fator que consolidou o desenvolvimento das diversas modalidades satírico-humorísticas em uso na imprensa até os dias de hoje foi o caráter político que acompanha a atividade jornalística desde sua origem. Foi este que fez dos jornais e revistas, para muito

além de meios difusores de informação e entretenimento, verdadeiros instrumentos político-ideológicos com forte influência na formação da opinião pública. Algo que, conforme defendem alguns historiadores, dentre eles Michel Vovelle (1997) e Tony Allan (1996), ganhou grande propulsão a partir da Revolução Francesa<sup>4</sup>. Segundo Sodré (1999), a temática política foi a essência nascente do Jornalismo Brasileiro. De acordo com Luiz Amaral (2001), o jornalismo desempenha quatro funções: política, econômica, educativa e de entretenimento. Por função política, entendem-se os meios de informação, em sua ação crescente, como instrumento de direção dos negócios públicos, e como órgãos de expressão e de controle de opinião pública (AMARAL, 2001, p. 16). É através, sobretudo, das investidas nesta última instância ideológica que a imprensa desempenha melhor a sua função política, fazendo da opinião, a sua vertente mais forte, pois, conforme defende Melo (2006), além do informativo, há um gênero predominante na esfera jornalística que é o opinativo.

A força do jornalismo opinativo combativo se vê de maneira clara ao se analisar o uso das ilustrações satírico-humorísticas, as quais fazem da opinião associada ao humor, uma arma de forte potencial político-ideológico. Neste sentido, conforme define Beltrão (1980, p. 34), “a charge é a representação máxima da ilustração satírica”. E por meio desta, o chargista trabalha com a dualidade que o humor reflete – o sério e o ridículo -, tecendo o seu discurso crítico, que se revela, sobretudo, por meio das charges sociais e políticas, consideradas as duas principais modalidades em uso. Mas, para além da charge que se tornou a principal modalidade iconográfica satírico-humorística em uso na imprensa diária, os jornais também investiram em outra matriz icônica que trabalha em cima do riso subversivo, que são as histórias em quadrinhos e que, ao contrário do que se possa pressupor, são menos simples do que aparentam. Trata-se de um potente meio expressivo cuja leitura, conforme adverte um de seus maiores estudiosos, Moacyr Cirne, exige do

---

<sup>4</sup> De acordo com o historiador Michel Vovelle (1997, p. 165), “A caricatura foi muito vivaz a partir de 1798, quando se desencadearam os confrontos entre os partidos, não poupando a pessoa do rei, cristalizando-se em torno de certos temas. Para Allan (1996, p. 143), o fermento político que se vê até os dias de hoje, foi garantido pela extraordinária expansão da imprensa francesa, cujo número de jornais pulou de 350 títulos em 1798, para aproximadamente 600, após a abolição revolucionária da censura.

**5<sup>as</sup>** JORNADAS INTERNACIONAIS DE  
**HISTÓRIAS EM  
QUADRINHOS**  
**22 a 24 de agosto de 2018**  
Escola de Comunicações e Artes da USP

crítico, um sólido conhecimento dos mais diversos problemas sociais, culturais e artísticos (CIRNE, 1970, p. 14).

De acordo com o que descreve Cirne (1970, p. 45): “[...] os quadrinhos nasceram dentro do jornal — que abalava (e abala) a mentalidade linear dos literatos, — frutos da revolução industrial e da literatura [...]”. Segundo este e vários outros autores, os quadrinhos no Brasil surgem em meio ao desenvolvimento do jornalismo satírico, no século XVIII, em que a imprensa passa a investir no emprego das narrativas gráficas sequenciais<sup>5</sup>. Mas foi a partir do século XX que, de fato, os quadrinhos se transformaram num enorme sucesso se popularizando, sobretudo, através da disseminação do fenômeno editorial das revistas em quadrinhos<sup>6</sup>. Tratava-se das tiras de humor, apontado como o primeiro gênero dos quadrinhos na imprensa e o mais próximo da charge. As tiras humorísticas são definidas por Magalhães (2006, p. 20) como “uma gag, uma piada que pode ser ingênua ou crítica, aproximando-se do teor do cartum e da charge”.

Do mesmo modo que as charges, os quadrinhos e, de maneira especial, as tiras publicadas nos jornais, buscam refletir situações que falassem mais de perto à realidade de seus leitores. De acordo com o que descreve Magalhães (2006, p. 42): “Trata-se de um ótimo meio para o autor expressar um amplo conjunto de vivências e problemas da vida cotidiana e, com economia de espaço e tempo, prende a atenção do leitor por meio da linguagem mordaz, irônica e com pluralidade de sentidos”. Nesse sentido, não se pode deixar de ver que, como destaca Silva (2014, p. 275), “os quadrinhos estão situados dentro de contextos histórico-social impregnados de valores específicos e que fizeram parte dos movimentos sociais, políticos e culturais, de acordo com a época na qual se inserem”.

Foi assim, por exemplo, durante o período da ditadura em que as tiras de humor – consideradas um dos gêneros dos quadrinhos –, juntamente com as charges atuavam como representações gráfico-narrativas de uma realidade social e política marcada por abuso de poder e uma censura severa à liberdade de expressão. Nascida da necessidade dos jornais de diversificar seu conteúdo diário junto ao público leitor, esse gênero ganhou expressividade

---

<sup>55</sup> Para Alves (2015), porém, mesmo tendo o seu princípio caracterizadora associado ao uso da sequencialidade imagética que acompanha o homem desde os primórdios da produção pré-artística, enquanto gênero, as histórias em quadrinhos, aparecem e começam a se desenvolver na transição dos séculos XIX para o XX.

<sup>6</sup> Para saber mais a respeito da trajetória de desenvolvimento das HQ’s no Brasil, ver Vergueiro (2017).

nos Estados Unidos e se espalhou pelo mundo revelando quadrinistas e conquistando legiões de fãs, dado esse seu caráter bem humorado de abordar suas temáticas (NICOLAU, 2010, p. 02). Ao comparar os gêneros tiras e charge em uso na imprensa durante o período do regime ditatorial, Magalhães (2006) destaca que se a charge era mais visada por falar diretamente sobre os fatos e personagens envolvidos neste, a tira conseguia driblar a censura mais facilmente por expressar a mesma crítica utilizando-se para tanto, do universo ficcional dos personagens. E foi com base nesses princípios norteadores dessas modalidades de ilustrações que desenhistas espalhados pelo Brasil passaram a utilizar-se da mesma vertente satírico-humorística e, através de suas habilidades artísticas e intelectuais, disseminaram o poder político-ideológico combativo de que a charge e os quadrinhos se faziam portadores. Foi assim, por exemplo, na Paraíba onde, a exemplo do que ocorreu em praticamente todo o país, os desenhistas cujos traços se voltaram para o humor gráfico, passaram a desempenhar múltiplas funções, ora como chargistas, ora como cartunistas, caricaturistas propriamente ditos e também quadrinistas, como se verá a seguir.

## **A CHARGE E OS QUADRINHOS NA IMPRENSA PARAIBANA**

Apesar de configurar-se presente desde o início do século XX, são raros os registros acerca do surgimento e progresso da caricatura na Paraíba. Em seu artigo sobre a história das artes visuais no estado, no início do século XX, Dyógenes Chaves faz uma pequena alusão a arte caricatural ao dizer que dentre outras categorias, a caricatura teve grande aceitação na Paraíba e noutros estados. Chaves (2013, p. s/n) destaca, porém, que “[...] a importância social desse movimento artístico que tinha à frente jornalistas e trabalhadores da imprensa, ainda necessita de um estudo à parte para avaliar a sua significação”. No tocante a segunda metade do século XX, período com que se optou a trabalhar neste artigo, entretanto, existem alguns registros que ajudam a traçar, se não por completo, ao menos, uma parte do percurso do desenvolvimento da caricatura. E, neste sentido, os vestígios historiográficos apontam para uma realidade compartilhada em outros cenários do país.

Trata-se da atuação múltipla e de caráter não apenas artística, mas também política dos artistas gráficos ao desenvolverem seus desenhos e, a partir disto, configurarem o campo da caricatura no estado.

Múltipla no sentido de que, para além de desenhistas/ilustradores com aptidões e estilos gráfico-narrativos diversos, muitos deles passaram a delinear seus traços para gêneros distintos, especialmente, a charge e a criação de personagens de histórias em quadrinhos. E política, pela razão de que foi por meio desses gêneros que esses passaram a atuar como verdadeiros críticos da realidade social e política do país. E, do mesmo modo que no restante do país, a charge e os quadrinhos se destacaram, ao lado do cartum, como os gêneros mais bem difundidos. Inicialmente de maneira precária sem o reconhecimento por parte da imprensa formal e a facilidade dos recursos avançados das técnicas de reprodutividade gráfica que, vale dizer, foram empregados lenta e gradualmente nas empresas jornalísticas de pequeno e médio porte<sup>7</sup>.

Em se tratando do cenário paraibano, a caricatura ganhou força e vigor a partir diante do trabalho de nomes como os de Deodato Borges, Luzardo Alves, Tônio & Tenório, Assis Vale, Emir Ribeiro, Cristovam Tadeu, Régis Soares, Fred Oznan e Henrique Magalhães, artistas gráficos paraibanos que ajudaram a traçar a história do humor gráfico na Paraíba<sup>8</sup>. Diante do escasso espaço de trabalho profissional, boa parte deles passou a desenvolver funções diversificadas no campo da indústria de informação e entretenimento local e regional e, aos poucos, foram moldando graficamente o humor crítico paraibano. Neste contexto, o exemplo maior desse fenômeno é, sem sombra de dúvidas, o de Deodato Borges que, além de um dos pioneiros na produção de charges publicadas na imprensa, é apontado como o primeiro quadrinista paraibano.

É de autoria dele, a primeira charge publicada na imprensa de Campina Grande<sup>9</sup>(Figura 1), conforme destaca Macedo (2012), a qual foi publicada no Jornal Diário

---

<sup>7</sup> Vale ressaltar que em se tratando da imprensa paraibana, um dos maiores progressos ocorreu a partir da implantação do sistema off-set, deixando pra trás, a tipografia feita a 'chapa fria.'

<sup>8</sup> A trajetória da carreira profissional de boa parte desses artistas gráficos encontra-se registrada de forma sucinta na revista *Quadrinhos da Paraíba- 30 anos de história*, publicada pelo Jornal *A União*, Governo do Estado da Paraíba em 1993.

<sup>9</sup> Trata-se da segunda maior cidade do interior da Paraíba, considerada um dos principais polos de desenvolvimento econômico e intelectual do interior do Nordeste e que detinha, na segunda metade do século XX, um amplo conglomerado de meios de comunicação composta por uma rede de jornais e emissoras de rádio e TV.

**5<sup>as</sup>** JORNADAS INTERNACIONAIS DE  
**HISTÓRIAS EM  
QUADRINHOS**  
**22 a 24 de agosto de 2018**  
Escola de Comunicações e Artes da USP

da Borborema, em 1958<sup>10</sup>. A imagem fazia alusão ao título conquistado pelo Brasil na Copa Mundial de Futebol, no ano de 1958, satirizando a derrota dos times europeus no campeonato. Vale ressaltar que, na época, a publicação de charges nos jornais era feita de forma esporádica. E foi só a partir de 1962 que Deodato passou a produzir e publicar no DB, charges diárias retratando nelas, temas sobre temas política, futebol, comunismo e outros diversos, conforme a linha editorial do jornal (MACEDO, 2012, p. 44). Além deste jornal, ele chegou a produzir charges para outros jornais no Estado e fora dele. Contudo, foi a partir da criação da trama de aventura em quadrinhos *As Aventuras do Flama* (figura 2), inicialmente como um programa de rádio em 1963, e transposto neste mesmo ano para o formato de revista em quadrinhos, que ele se consagrou.



Figura 1: Charge de Deodato Borges publicada no Diário da Borborema (DB), em 03/07/1958.

Fonte: Arquivo do DB.

Considerada a primeira revista do gênero do Nordeste naquela época, com o lançamento de um dos primeiros super-heróis brasileiros<sup>11</sup>, a publicação inaugurava o movimento das histórias em quadrinhos na Paraíba (PONTES, 1993). E, para além disto,

<sup>10</sup>Fundado em 1957 por Assis Chateaubriand, o Diário da Borborema, ou DB, como era mais conhecido, integrava o grupo empresarial dos Diários Associados e foi um dos primeiros e mais influentes jornais diários em circulação no Estado da Paraíba, com sede na cidade de Campina Grande. De acordo com Araújo (1985), tratava-se de um jornal relativamente combativo, devido seus condicionamentos políticos. O jornal fechou em 2012.

<sup>11</sup> As Aventuras do Flama foram inspiradas em sucessos da época, como Jerônimo, o *Herói do Sertão*, de Moysés Weltman e *The Spirit*, de Will Eisner, que como era comum acontecer com programas de aventuras radiofônicos, tornaram-se histórias em quadrinhos.

**5<sup>as</sup>** JORNADAS INTERNACIONAIS DE  
**HISTÓRIAS EM  
QUADRINHOS**  
**22 a 24 de agosto de 2018**  
Escola de Comunicações e Artes da USP

revelava não apenas o grande talento e perfil multifuncional do artista, mas também a sua grande contribuição para a caricatura enquanto campo que abarca os mais diversos gêneros de narrativas gráficas, dentre as quais essas duas aqui destacadas. Nesse sentido, é importante destacar que ao assumir, em 1973, a função de editor de cultura do jornal *O Norte*<sup>12</sup>, Deodato ofertou uma grande contribuição para o avanço dos quadrinhos na imprensa estadual, ao abrir espaço para a publicação de tiras em quadrinhos, dando chances, desta maneira, para os desenhistas que trabalhavam com este gênero específico.



Figura 2 - Capa e página da revista As Aventuras do Flama n.01.

Fonte:<<http://www.memorialhqpb.org/personagens/flama/flama.html>>

Para além do trabalho de Deodato Borges, a trajetória da caricatura na Paraíba foi marcada significativamente nas primeiras décadas da segunda metade do século XX, através dos traços marcantes do humorista gráfico Luzardo Alves. Do mesmo modo que o conterrâneo, Luzardo atuava na década de 1960 em jornais e em emissora de rádio em funções diversas, destacando-se inicialmente na produção de cartuns, modalidade caricatural definida, conforme Romualdo (2000), de modo simples, como desenho que traz uma crítica de costumes genérico e atemporal. Em seguida, valendo-se dos traços caricaturais, passou a produzir charges para diversas publicações, inclusive para a revista semanal ilustrada de grande circulação nacional na época, *O Cruzeiro*, onde se divide entre

<sup>12</sup> Fundado em 7 de maio de 1908, o jornal *O Norte* foi um dos primeiros e mais antigos jornais diários em circulação no Estado da Paraíba. Passou a pertencer ao império dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand, em 1954. Permaneceu em circulação por mais de um século, encerrando suas atividades em fevereiro de 2012.

as funções de cartunista e chargista<sup>13</sup>. De modo geral, as charges de Luzardo não eram essencialmente política, mas apresentavam uma visão satírica a respeito de costumes e acontecimentos do cotidiano. De volta à Paraíba nos anos 1970, ele passou a produzir para publicações alternativas, dentre elas, o jornal *Edição Extra*, um dos mais expressivos meios satírico-humorísticos da imprensa alternativa paraibana, e que realçou a tendência da produção caricatural para a charge e os quadrinhos, conforme se verá mais adiante.

### **A IMPRENSA SATÍRICA PARAIBANA: A CARICATURA EM EXPANSÃO**

O período dos anos 1970 foi, sem sombra de dúvidas, o de maior efervescência para a produção satírico-humorística paraibana. Foi durante esse recorte temporal que não apenas as charges, cujo espaço já se fazia consolidado na grande imprensa estadual, mas também os quadrinhos passaram a se expandir como gênero caricatural de forte expressão contestatória ao regime político imposto no país. A abertura da imprensa paraibana aos quadrinistas, sobretudo com a criação de suplementos semanais *O Norte em Quadrinhos*, do jornal *O Norte*, e *O Pirralho*, do jornal *A União*, possibilitou o surgimento de vários autores e o desenvolvimento de algumas dezenas de personagens (MAGALHÃES, 2005, p. 05). De acordo com este autor, até então, os quadrinhos na Paraíba eram considerados apenas como um objeto de consumo e cultura de massa determinada pelos grandes editores do Sudeste. Contudo, aos poucos, foram surgindo várias outras personagens fictícias que se revezavam entre os quadrinhos e as charges, satirizando os costumes e a política nas páginas dos periódicos paraibanos.

Dentre estes, um que se tornou bastante conhecido dos leitores paraibanos foi *Pataconho* (figura 3), de autoria de Luzardo Alves. Seguindo a linha do humor cáustico de *O Amigo da Onça*, de quem o seu criador também se tornou desenhista, nos anos 1960, *Pataconho* oscilava entre a malandragem carioca e a seriedade do paulista, despertando o

---

<sup>13</sup>Luzardo Alves foi contratado por Assis Chateaubriand em 1963 e foi para o Rio fazer parte do grupo de humoristas que trabalhavam para a revista. Além dos cartuns e charges, Luzardo Alves também contribuiu com o desenho de *O Amigo da Onça*, um dos maiores do humor gráfico brasileiro que circulava na revista *O Cruzeiro* desde os anos 1940, de autoria do humorista pernambucano Péricles de Andrade Maranhão. Com a sua morte em 1963, o personagem passou a ser desenhado por outros humoristas gráficos, dentre eles, Luzardo, conforme relato do próprio autor registrado em Luzardo (2016).

lado crítico do leitor. O personagem era publicado num folheto semanal intitulado Charges da Semana, publicado pelo comércio local. Contudo, foi no espaço da imprensa alternativa que a produção caricatural se fez mais forte e politico-ideologicamente, mais combativa. Para além dos jornais que integravam a grande mídia estadual e iniciativas como as dos folhetos patrocinados por grupos sociais específicos, a arte caricatural continuou avançando na segunda metade do século XX, consolidando o lugar da charge e dos quadrinhos no cenário estadual. Trata-se do período de maior efervescência da produção gráfico-humorística paraibana e que tinha no *Pasquim*<sup>14</sup>, o mais bem sucedido modelo de imprensa alternativa do país, a inspiração para os humoristas gráficos paraibanos e do restante do país.

Foi o caso, por exemplo, de o jornal *Edição Extra*. Inspirados na linguagem e estilo inovador de *O Pasquim*, os caricaturistas e jornalistas já atuantes no estado, passaram a investir na proposta satírica e combativa propagada pelo semanário ilustrado que, vale dizer, contou com a participação de alguns caricaturistas paraibanos, dentre eles Regis Soares e Fred Ozanan<sup>15</sup>. O *Edição Extra* foi criado por um grupo de profissionais da imprensa em 1971 e apresentava uma proposta política e ideológica centrada em denúncias sérias em tom humorístico, não chegando, por isto, ser muito percebido pelos censores (ALVES, 1985). O jornal trazia quatro editorias: política, cidade, humor e de arte. Essas duas últimas ficaram sob a responsabilidade de Anco Márcio e Luzardo Alves que juntos, para além do trabalho chargístico, criaram uma das mais irônicas e famosas personagens dos quadrinhos paraibanos: *Bat-Madame* (figura 4). A personagem trazia uma sátira escrachada de Batman e dos costumes da região). Mesmo com vida curta (agosto a outubro de 1971), o periódico reforçou a tendência da Paraíba para a caricatura e o movimento

---

<sup>14</sup>*O Pasquim* foi editado entre junho de 1969 a novembro de 1991 e reuniu os maiores nomes da caricatura brasileira, a exemplo de Ziraldo, Jaguar, Henfil, Milor Fernandes e, de acordo com Melo (2003, p. 171) representou uma síntese do jornalismo caricato em que "traço e texto, lado a lado, ironizam o cotidiano e satirizam os protagonistas da notícia [...]". O *Pasquim* atingiu a marca de mais de 200 mil em seu auge, em meados dos anos 1970, se tornando um dos maiores fenômenos do mercado editorial brasileiro.

<sup>15</sup>Tratam-se de dois dos maiores chargistas paraibanos que atuaram em diversos órgãos da imprensa estadual e fora do Estado, cujo trabalho já foi alvo de pesquisas acadêmicas diversos. Regis Soares é conhecido em toda a João Pessoa através do projeto *Charge na Rua*, que expõe através de painéis colocados na calçada da rua em que reside, charges políticas e sociais. Fred Ozanan é chargista, caricaturista e cartunista detentor de vários prêmios em salões de humor e autor de vários livros sobre humor gráfico. Para saber mais, ver Brito (2002).

**5<sup>as</sup>** JORNADAS INTERNACIONAIS DE  
**HISTÓRIAS EM  
QUADRINHOS**  
**22 a 24 de agosto de 2018**  
Escola de Comunicações e Artes da USP

jornalístico alternativo. E, conforme destaca Alves (2016, p. 26): “O fato de o jornal ser alternativo, num estrutura em que só existiam as grandes empresas, já lhe dava uma importância fora do comum”.



Figuras 3 e 4 - Pataconho e Bat-Madame, personagens de Luzardo Alves

(Fonte: <http://www.memorialhqpb.org/autores/luzardoalves/luzardoalves.html> )

Tais características foram ainda mais acentuadas, oito anos depois, com a chegada do jornal *O Furo*<sup>16</sup>. O periódico nasce a partir da iniciativa de um grupo de jovens estudantes paraibanos, em 1979, inconformados com o clima de censura reinante em todo o país naquela época e engajados na luta contra a forte repressão instituída pelo golpe civil-militar implantado no Brasil desde 1964. O periódico desapareceu menos de um ano depois. A vida e morte do jornal *O Furo* coincide com o período apontado como o fim do ciclo da imprensa alternativa brasileira quando, conforme descreve Kucinski (2001, p. 94), “como se tivesse ocorrido um cataclisma, quase todos os jornais alternativos que circulavam entre 1977 e 1979 deixaram de existir”. A publicação conseguia misturar jornalismo de conteúdo sério com uma certa dose de irreverência e, conforme descreve Almeida (2010, p. 02) “mesclando tiras e charges com entrevistas de cunho extremamente político. E foi com esta receita que surgiu uma das personagens de maior sucesso na história dos quadrinhos

<sup>16</sup> Embora a abertura política tenha se dado em 1982, alguns anos antes a imprensa já tinha conquistado, aos poucos e a duras penas, uma discreta liberdade de expressão. Apesar dessas evoluções, voltadas para a redemocratização do país, o Brasil estava longe de ser livre e muitos dos direitos dos cidadãos não eram efetivamente respeitados. Foi nessa conjuntura favorável que surgiu o *Furo* que possuía tiragem quinzenal com cerca de 3 mil exemplares, com 24 páginas cada uma delas (ALMEIDA 2010).

**5<sup>as</sup>** JORNADAS INTERNACIONAIS DE  
**HISTÓRIAS EM  
QUADRINHOS**  
**22 a 24 de agosto de 2018**  
Escola de Comunicações e Artes da USP

paraibanos, *Maria*, de autoria do chargista (figura 5), quadrinista e pesquisador Henrique Magalhães. Advinda no bojo da cultura alternativa, *Maria* (figura 6) inseriu-se em alguns dos maiores jornais comerciais do Estado, além do estatal *A União*, e através de centenas de tiras publicadas na imprensa, manifestava a sua visão crítica acerca dos temas políticos e culturais eminentes da época, tais como a luta pela liberdade de expressão e o feminismo.

Para além de *Maria*, o universo dos quadrinhos de seu autor foi ampliado com o surgimento de vários outros tipos, a exemplo de *Kalula*, *Bicho Grilo* e *Virgens de Tambaú*, numa clara demonstração do potencial dos artistas gráficos paraibanos para a produção de histórias em quadrinhos<sup>17</sup>.



Figura 5 -Charge de Henrique Magalhães. Figura 6 - Tira com a personagem Maria, do mesmo autor, publicada no mercado editorial independente. Publicada no jornal *O Furo*, em 1979.

Fonte: <<http://www.insite.pro.br/2010/Mar%C3%A7o/Reportagem%20O%20Furo%20Maria%20Almeida.pdf>>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito mais que recurso meramente ilustrativo, ninguém pode negar a importância do desenho humorístico na imprensa, seja como valioso instrumento para fazer rir e ao

<sup>17</sup> Dentro desta onda de profissionalização e ampliação do mercado editorial dos quadrinhos paraibanos, se destacam os trabalhos de quadrinistas como Deodato Filho e Emir Ribeiro, os quais invadem os Estados Unidos, produzindo um trabalho de reconhecida qualidade dentro do universo dos super-heróis e conquistam o público estadunidense.

**5<sup>as</sup>** JORNADAS INTERNACIONAIS DE  
**HISTÓRIAS EM  
QUADRINHOS**  
**22 a 24 de agosto de 2018**  
Escola de Comunicações e Artes da USP

mesmo tempo refletir, seja como documento histórico e fonte de infinita capacidade de representação social, política e cultural de diferentes épocas da humanidade. E, neste contexto, a charge e os quadrinhos refletem bem essa realidade enquanto dois dos mais consagrados gêneros da caricatura, pois como ressalta Ramos (2009, p. 20-21), as narrativas de humor – como a tira cômica e a charge – podem ser denominadas de “humor gráfico ou caricatura (usada neste segundo momento num sentido mais amplo). Este breve percurso traçado acerca da presença destes dois gêneros satírico-humorísticos na imprensa paraibana no transcorrer da segunda metade do século XX reforçam o lugar de destaque deles no cenário jornalístico ao mesmo tempo em que também deixa vir à tona os aspectos gráfico-narrativos e político-ideológicos que aproximam, um do outro.

Ao analisar a contribuição de alguns dos principais humoristas gráficos paraibanos que surgiram ao longo do período recortado, ficou evidente não apenas a imbricação da charge com o gênero específico dos quadrinhos que são as tiras cômicas, mas também a maneira sutil e transitória com que muitos dos humoristas gráficos trafegam entre esses dois gêneros caricaturais. Os trabalhos desenvolvidos, sobretudo pelos chargistas, cartunistas e quadrinistas Deodato Borges e Luzardo Alves ilustram bem tais fenômenos. Seja por meio da charge, enquanto desenho verozmente crítico e sagaz, seja através da comicidade aparentemente ingênua, mas da mesma forma aguçadamente satírica e mordaz dos quadrinhos, a contribuição dos humoristas gráficos paraibanos aqui mencionados deixam vir à tona a relação intrínseca da caricatura com a atividade jornalística, nos fazendo ver a amplitude desta primeira que, nas palavras de José Marques de Melo (2003), enquanto gênero jornalístico, cumpre uma função social mais profunda que a emissão rotineira de opinião nos veículos de comunicação coletiva. O breve recorte histórico aqui apresentado, parece nos fazer ver essa realidade ainda tão instigante.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Vanessa. **Imagem:** função narrativa e emprego espaço-temporal. In: ALVES, Luzardo. *O humor gráfico de Luzardo Alves*. Paraíba: Marca de Fantasia, 2016.

ALMEIDA, Marina. **A voz alternativa da imprensa paraibana:** a breve história de um jornal alternativo. 2010. Disponível em

 JORNADAS INTERNACIONAIS DE  
**HISTÓRIAS EM  
QUADRINHOS**  
**22 a 24 de agosto de 2018**  
Escola de Comunicações e Artes da USP

<<http://www.insite.pro.br/2010/Mar%C3%A7o/Reportagem%20%20Furo%20Marina%20Almeida.pdf>>. Acesso em 23. Jul.2017

ALLAN, Tony. A Revolução Francesa. In **Ventos Revolucionários**, 1700-1800. Time-Life: História em Revista. Rio de Janeiro: Abril Brasil, 1996.

AMARAL, Luíz. **Técnica de Jornal e Periódico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Biblioteca Tempo Universitário, 2001.

ARAÚJO, Fátima. **Paraíba: imprensa e vida**. Campina Grande: Grafset, 1985.

BRITO, Rosildo. **A opinião no riso: uma análise da intertextualidade na construção da significação de charges na imprensa paraibana**. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Ciências da Sociedade). Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, 2002.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

CAVALCANTI, Lailson de Holanda. **Historia del Humor Gráfico en el Brasil**. Lleida, Editorial Milenio, 2005.

CIRNE, Moacy. **A explosão criativa dos quadrinhos**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CHAVES, Dyógenes. **Artes visuais na Paraíba: 1900-2010**. Arte & Crítica- Jornal da ABCA. 2013. Disponível em: <<http://abca.art.br/n27/13artigos-dyogenes.html>>. Acesso em 12 set 2017.

FONSECA, Joaquim da. **Caricatura. A imagem gráfica do humor**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

MACEDO, José Emerson Tavares de. **A linguagem humorística das charges e as “Diretas já”**: no traço dos chargistas dos jornais: Diário da Borborema e Jornal da Paraíba. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, 2012.

MAGALHÃES, Henrique. **Humor em pílulas: a força criativa das tiras brasileiras**. Joao Pessoa: Marca de Fantasia, 2006.

\_\_\_\_\_. **Maria: espirituosa, há 30 anos**. Joao Pessoa: Marca de Fantasia, 2005.

\_\_\_\_\_. **Uma história dos quadrinhos paraibanos**. Rev. 9ª Arte. V. 1, n.1. São Paulo:2012. Disponível em <<http://www.memorialhqpb.org/personagens/flama/flama.html>>. Acesso em 29.jul.2018

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Mantiqueira, 2003.

NICOLAU, Marcos. **As tiras e outros gêneros jornalísticos: uma análise comparativa**. Revista Temática. João Pessoa. Ano VI, n. 02, 2010. Disponível em: [http://www.insite.pro.br/2010/Fevereiro/tirinhas\\_genero\\_jornalistico\\_nicolau.pdf](http://www.insite.pro.br/2010/Fevereiro/tirinhas_genero_jornalistico_nicolau.pdf). Acesso em 12. jul.2017.



PONTES, Juca. **Quadrinhos da Paraíba: 30 ANOS**. Editora Jornal A União, 1993.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos – coleção Linguagem & Ensino**. São Paulo: Ed. Contexto, 2009.

RIANI, Camilo. **Tá rindo do quê?** (Um mergulho nos salões de humor de Piracicaba). Piracicaba: UNIMEP, 2002.

ROMUALDO, Carlos Edson. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia**. Maringá: Eduem 2000.

SILVA, Daniel Henirque; FERREIRA, Luciano Henrique da. Quadrinhos eróticos ou pornográficos?: questão de cultura, temática e representação. In: BRAGA, Amaro Xavier Jr. **Questões de sexualidade nas histórias em quadrinhos**. Maceió: EDUFAL, 2014.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Panorama das histórias em quadrinhos no Brasil**. São Paulo: Petrópolis, 2017.

VOVELLE, Michel. **Imagens e imaginário na História**. São Paulo: Ática, 1997.